

## **‘Aparência Ainda Importa’: A Interseccionalidade E As Vivências Compartilhadas No Podcast Afetos<sup>1</sup>**

Taiane Cristina de Medeiros Silva<sup>2</sup>

Kênia Beatriz Ferreira Maia<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

### **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo apontar os rastros interseccionais que se mostram evidentes no processo de construção comunicativa do episódio “A aparência ainda importa” do podcast Afetos. É realizada uma contextualização sobre os estudos de Crenshaw (1989), Ribeiro (2017) e Collins (2017) articulados com a presença do feminismo interseccional. Logo, é apresentada a ferramenta teórico-metodológica Roleta Interseccional formulada por Carrera (2020). Infere-se que a identificação e discussão da interseccionalidade no podcast, conecta o feminismo à sociedade através das experiências compartilhadas, fomentando uma contestação à mídia hegemônica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Interseccionalidade; Podcast; Afetos; Feminismo; Roleta Interseccional.

### **1. INTRODUÇÃO**

As novas tecnologias transformam as relações sociais em um mundo globalizado. Em uma revisão teórica, é apresentado o formato podcast e suas características bem como dados sobre o público produtor e a participação feminina neste cenário (LOPES, 2015). São delineados os conceitos de interseccionalidade proposto por Crenshaw (2002) e lugar de fala conceituado por Djamila Ribeiro (2017). Além da contribuição de Carrera (2022) e Akotirene (2019) acerca da contextualização da teoria interseccional que aponta diferentes eixos de opressão e denuncia marcações hegemônicas sociais que estão presentes na realidade sociopolítica experienciada por mulheres no conteúdo e produção dos meios de comunicação.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 5 – Comunicação Multimídia do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 20 a 22 de junho de 2023

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia vinculado ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFRN. Email: taiane.medeiros@ufrn.br

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Doutora em Ciências da Informação e da Comunicação pela Universidade Paul Verlaine-Metz (França) e professora do departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, da UFRN. Email: keniamaia@yahoo.com

Como recorte empírico, é apresentado o podcast Afetos idealizado por Gabi Oliveira e Karina Vieira, mulheres negras, que produzem o conteúdo do podcast com temas que atravessam raça e gênero, com a intenção de subverter a lógica da mídia hegemônica que reproduz estereótipos ao sexo feminino (CARNEIRO, 2003, p. 125). Sobre os subjugamentos do feminino, esta pesquisa concentra-se em um episódio do podcast Afetos denominado “A Aparência Ainda Importa - Afetos #169”.

Para o levantamento da problemática, foi utilizado como ferramenta teórico-metodológica a Roleta Interseccional proposta por Fernanda Carrera (2020) que tem como foco “identificar rastros de interseccionalidade nas diversas expressões e experiências comunicacionais sem perder de vista sua motivação elementar: a reivindicação pela dignidade”. Assim, é possível pensar na seguinte questão: quais os rastros interseccionais que se mostram evidentes no processo comunicativo do episódio deste podcast?

## 2. LUGAR DE FALA E VOZES FEMINISTAS NO PODCAST

Segundo a Associação Brasileira de Podcasters (ABPOD), em pesquisa feita no segundo semestre de 2019, referente à produção de podcast, no ano de 2020 a participação feminina representou apenas 23,3% (ABPOD, 2020). Neste contexto de participação ainda pequena, a importância das mulheres podcasters e o feminismo em seu discurso é precisa para a conscientização sobre as diferentes vivências cotidianas bem como as possibilidades de intervenções sociais. O podcast surge como possibilidade para um espaço materializado onde o discurso feminino plural e interseccional aconteça.

Através do conceito de lugar de fala que podcasters trazem representatividade e subjetividades ao discurso midiático. O conceito de lugar de fala permite um olhar sobre as experiências dos corpos subalternos na formação de um *locus social*. Djamilia Ribeiro (2017) ainda destaca que não se trata de confundir o termo lugar de fala com representatividade, ainda que possuam características similares, visto que falar a partir de lugares também é “romper com a lógica de que somente subalternos falem de suas localizações, fazendo com que aqueles inseridos na norma hegemônica sequer se pensem” (RIBEIRO, 2017, p. 84). Entretanto, Mombaça (2021) nos alerta que se o “conceito de lugar de fala se converte numa ferramenta de interrupção de vozes

hegemônicas, é porque ele está sendo operado em favor da possibilidade de emergências de vozes historicamente interrompidas”.

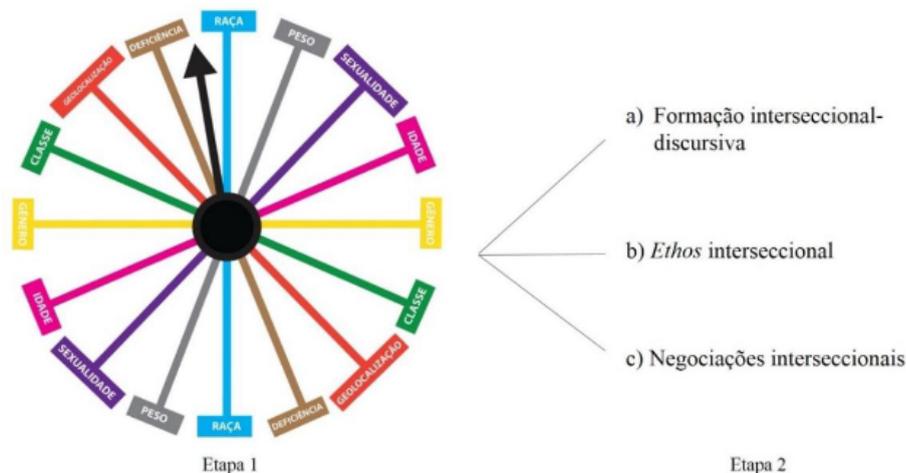
Esta postura permite que na mídia sejam discutidos e levados em consideração marcadores sociais de raça, gênero, classe, geração e sexualidade como elementos constituintes da complexa estrutura social. Neste recorte, estamos diante do movimento feminista em sua interseccionalidade.

### **3. A ROLETA INTERSECCIONAL NA PESQUISA MIDIÁTICA**

A teoria da interseccionalidade é o estudo da intersecção de identidades e marcadores sociais, bem como os sistemas relacionados à dominação, hegemonia ou discriminação. A professora intelectual afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw estudou o termo no final da década de 80 ao observar que as mulheres negras estavam longe de ser plenamente contempladas pelo feminismo branco (SALES e NUNES, 2022, p. 68). Crenshaw (2002) pontua sobre a conceituação do termo ao afirmar que racismo, patriarcalismo e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades que estruturam posições relativas de mulheres conforme os eixos de opressão.

Diante de diferentes sistemas de subordinação, a teoria interseccional parte de um pressuposto de cruzamento de coerções que não possuem um caráter social cristalizado, mas complexo visto que não há, para os sujeitos, hierarquia de opressões, mas uma sinergia de vários sistemas de poder (COLLINS, 2017, p. 11). Se considerarmos a mulher negra, em função do cruzamento de opressões, ela é socialmente discriminada tanto pelo gênero quanto pela raça. E ao pensarmos em uma mulher negra, lésbica e de baixa renda, ainda poderemos perceber o eixo econômico como opressor em uma sociedade de classes.

Para um exercício do olhar interseccional na pesquisa, Carrera (2022) propõe um caminho metodológico que considera a identificação dos eixos de opressão bem como a intersecção entre eles: a roleta interseccional. Trata-se de uma ferramenta discursiva operacional que pretende identificar os sinais de interseccionalidade nas diversas expressões e manifestações comunicativas, reivindicando sempre o caráter de igualdade e dignidade do indivíduo (CARRERA, 2022, p. 6).



**Figura 1:** As duas etapas da Roleta Interseccional (Carrera, 2020)

Cada haste possui uma característica que pode ser subjugada socialmente e, portanto, um potencial eixo de opressão. A combinação de cores representa a intersecção das avenidas de opressão que ao serem cruzadas, resultam em uma nova cor e, metaforicamente, a uma nova perspectiva de existência humana diante da sociedade.

#### 4. A APARÊNCIA AINDA IMPORTA: CONTESTAÇÕES PRESENTES NO PODCAST AFETOS

O podcast Afetos, comandado pelas mulheres negras Gabi Oliveira, produtora de conteúdo e formada em Relações Públicas (UERJ) e Karina Vieira, comunicóloga formada em Comunicação Social e Gestão de Políticas Sociais (UCB), caracteriza-se por um formato de conversa entre as duas comunicadoras com a eventual participação de um entrevistado conforme a temática abordada (CAVALCANTE e REIS, 2022, p.111).

Em busca dos traços de contestação à estereótipos, este estudo busca refletir sobre um episódio específico no que tange aparência que é: “A Aparência Ainda Importa - Afetos #169”. O podcast escolhido aborda como Gabi Oliveira e Karina Vieira assimilam e questionam o *reality show*<sup>4</sup> “Casamento às Cegas” produzido e distribuído pelo serviço de streaming Netflix. Esse *reality* possui dois momentos

<sup>4</sup> O conceito de *reality show* adotado nesta pesquisa é o definido por Luís Mauro de Sá Martino (2013) como “uma situação artificial preparada e apresentada como realidade” em um programa.

distintos: o primeiro, referente ao processo de decisão do casal, que não se conhecem visualmente, ou seja, estão às cegas, e o segundo momento onde o casal se vê e aproveita a lua de mel (que acontece antes do casório) para se conhecer melhor (FRANCO et. al, 2021, p. 242)

O *reality show* como produto midiático reproduz uma linguagem estereotipada a começar pelo título do programa como observa Karina Vieira no episódio “A Aparência Ainda Importa - Afetos #169<sup>5</sup>”:

“Lembrei disso porque o nome do reality show já é bastante capacitista né. A gente ficou pensando aqui de que forma a gente iria falar sobre esse reality show sem botar o nome dele no título, porque o título dele é *Love is Blind*, e eles traduzem como Casamento às Cegas” - Karina Vieira, podcaster

O capacitismo<sup>6</sup> identificado pela podcaster compreende a haste “Deficiência” da Roleta Interseccional proposta por Carrera (2020) uma vez que infere-se que a deficiência visual seria incapacitante para ter acesso às reais características do ser amado.

Neste aspecto, além da haste da Deficiência, o Peso também está presente na categoria da Roleta Internacional (Carrera, 2020) e é evidenciado no discurso. Deficientes e pessoas gordas são perfis que foram invisibilizados na análise das comunicadoras frente à exibição do *reality* ao trazerem o olhar interseccional e contestador de imagem midiática.

Karina Vieira, ao perceber os eixos de opressão tanto no reality quanto na vida real, traz a discussão para o que Fernanda Carrera (2020) considera como uma das “cores primárias” da roleta interseccional que é a haste Gênero, pois segundo a autora essa “avenida identitária seria uma das bases para a formação do conceito de interseccionalidade” junto com a haste Raça. Karina pontua no episódio que:

"Eu gosto de pegar nessa coisa de papel de gênero, porque eu acho que esse cuidado só existe de um lado, não existe do lado dos caras para as mulheres.

---

<sup>5</sup> OLIVEIRA, G., VIEIRA, K. A aparência ainda importa. **Podcast Afetos**, 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2TR0x7cxT0s1Z4ne5YlZLp?si=e7bde37f7c9746c7> Acesso em 07 de fevereiro de 2023.

<sup>6</sup>Segundo o “Glossário de termos relacionados à acessibilidade e deficiência” da Câmara dos Deputados, Capacitismo é ato de discriminação, preconceito ou opressão contra pessoa com deficiência. Acontece quando alguém considera uma pessoa incapaz, por conta de diferenças e impedimentos corporais. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/estruturaadm/gestao-na-camara-dosdeputados/responsabilidade-social-e-ambiental/acessibilidade/o-programa/glossario.html>. Acesso em 25 de fev de 2023

Porque eu acho que é muito mais difícil, uma mulher ficar com um cara que pode não estar muito bem em forma e ela não vai ficar perturbando o juízo dele para ele perder a barriga dele de chopp” - Karina Vieira, podcaster

Além da haste Gênero, Karina ainda evidencia a haste correspondente a Classe social quando cita que as “mães celebridades têm mais condições financeiras de voltar à forma corporal anterior à gestação” (OLIVEIRA e VIEIRA, 2022). Ao longo do podcast, Karina questiona que embora o reality Casamento às Cegas incluam pessoas negras, ainda que em baixa quantidade, elas não possuem outros marcadores que possam sofrer outros eixos de opressão a fim de alcançar uma maior representatividade no programa (OLIVEIRA e VIEIRA, 2022) trazendo a haste Raça na discussão do podcast.

O episódio “A Aparência Ainda Importa - Afetos #169” finaliza com a reflexão sobre como a mídia influencia nossa forma de se relacionar e até que ponto estamos nos colocando em lugar de contestação ou aceitação dessa normatividade ao relacionar pela aparência (OLIVEIRA e VIEIRA, 2022).

É importante frisar que nos estudos de comunicação, utilizar a Roleta Interseccional proporciona um olhar mais justo ao reconhecer as diferenças sociopolíticas e culturais dos sujeitos. Reconhecer a interseccionalidade como constitutiva de todo processo analítico contribui para uma pesquisa mais igualitária, digna e contundente.

## 5. REFERÊNCIAS

ABPOD. Associação Brasileira de Podcasters. **Resultado da PodPesquisa 2019/2020**. Disponível em: <https://abpod.org/wp-content/uploads/2020/12/Podpesquisa-2019-Resultados.pdf>. Acesso em 16 de fevereiro de 2023.

ABPOD. Associação Brasileira de Podcasters. **Resultado da PodPesquisa 2020/2021 - Produtores**. Disponível em: [https://abpod.org/wp-content/uploads/2021/10/Podpesquisa-Produtor-2020-2021\\_Abpod-Resultado-ATUALIZADO.pdf](https://abpod.org/wp-content/uploads/2021/10/Podpesquisa-Produtor-2020-2021_Abpod-Resultado-ATUALIZADO.pdf). Acesso em 16 de fevereiro de 2023

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019



CAVALCANTE, A. T. V. S.; REIS, A. I.A influência do feminismo negro na podosfera brasileira. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, v. 13, n. 1, p. 97-127, 21 dez. 2022

CAVALCANTE, A. T. V. S.. **Enegrecendo a pauta:** mulheres negras, afeto e resistência na podosfera brasileira. Repositório Aberto da Universidade do Porto. Porto, Portugal. Universidade do Porto. 2021. Dissertação de Mestrado.

CARNEIRO, S. Mulheres em Movimento. **Revista Estudos Avançados**. V. 17, nº 49 (2003a). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/Zs869RQTMGGDj586JD7nr6k/?lang=pt> Acesso em 20 fev de 2023.

CARRERA, F. et al. Interseccionalidade e plataformas digitais: dimensões teórico-metodológicas de pesquisas em Comunicação. **Revista Fronteiras**, v. 24, n. 1, 2022.

CARRERA, Fernanda. Roleta interseccional: proposta metodológica para análises em Comunicação. In: **E-Compós**. 2021.

COLLINS, P. H. Aprendendo com a outsider within. **Sociedade e Estado**, v. 31, p. 99-127, 2016.

COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro:** conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

CORRÊA, L. G. **Intersectionality:** A challenge for cultural studies in the 2020s. *International Journal of Cultural Studies*, v. 23, n. 6, p. 823-832, nov. 2020

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis. V.10, nº 01(2002). [em linha]. [Consult. 22 Jun. 2021]. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/abstract/?lang=pt>.

DAMASCENO, J. O corpo do outro. Construções raciais e imagens de controle do corpo feminino negro: o caso da Vênus Hotentote. **Fazendo Gênero**, v. 8, 2008.

FRANCO, A. R. et al. As Subversões Do Ritual Do Casamento No Reality Show Casamento Às Cegas. In: **Cultura (I)Material e Relações de Consumo:** Perspectivas Semioanalíticas. n. 1, p. 241-257. Clotilde Perez e Eneus Trindade (Organizadores). ECA-USP, 2021. 299p.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: **Educação & Realidade**. jul/dez. 1997. p. 15-46.

HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO: Apicuri, 2016.

HERSCHMANN, MI. KISCHINHEVSKY, M. A “**geração podcasting**” e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento. Anais do XVI COMPÓS dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - Compós. Curitiba, 2007. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_263.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_263.pdf)>

IBARRA, P., BERROGAIN, I. A nova forma de amor: Em meio à crise provocada pela pandemia, podcasts se tornam ferramentas de empatia e proximidade com outras pessoas. **Correio Braziliense**, 20 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/diversao-e-arte/2021/06/4932536-a-novaforma-de-amor.html> Acesso em 10 fev de 2023.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LOPES, L. **Podcast: guia básico**. Nova Iguaçu: Marsupial. 2015.

MARON, A. **A Gripezinha dos Podcasts**. Disponível em: <<https://www.insper.edu.br/noticias/a-gripezinha-dos-podcasts/>> Acesso em 16 de fevereiro de 2023.

MATEUS, Samuel. Reality-show–uma análise de gênero?. **Revista Comunicando**, v. 1, n. 1, p. 235-244, 2012.

MOMBAÇA, J. A plantação cognitiva. **Arte e descolonização: MASP Afterall**, São Paulo, v. 3, p. 1-11, 2020.

MOMBAÇA, J. **Não vão nos matar agora**, Rio de Janeiro, Combogó, 2021.

OLIVEIRA, G., VIEIRA, K. A aparência ainda importa. **Podcast Afetos**, 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2TR0x7cxT0s1Z4ne5YlZLp?si=e7bde37f7c9746c7> Acesso em 07 de fevereiro de 2023.

RIBEIRO, D.. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017.

SALES, S. C.; NUNES, P. de S. **Mídia feminista negra: uma análise das narrativas interseccionais produzidas no Kilombas Podcast**. Revista Temática. Ano XVIII. n. 03. p. 64-80 NAMID-UFPB. Março, 2022. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/69692/1/2022\\_art\\_scsales.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/69692/1/2022_art_scsales.pdf) Acesso em 15 de fevereiro de 2023.



**INTERCOM** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Campina Grande/PB – 20 a 22/06/2023

SILVA, A. dos S. **Mulheres Podcasters: uma análise da resistência feminista na podosfera brasileira.** Dissertação apresentada para o Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, SE, 2021. 249f.

SETTON, M. da G. J. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista brasileira de Educação.** FEUSP. p. 60-70, 2002.